

ARQUITECTURA DO QUOTIDIANO: PÚBLICO E PRIVADO NO ESPAÇO DOMÉSTICO DA BURGUESIA PORTUENSE NO FINAL DO SÉCULO XIX

NELSON MOTA

COIMBRA : DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, FCTUC, 2010.

269 p.

ISBN 978-972-99821-5-6



Monique Eleb é um dos expoentes do estudo da habitação e protagonista de importante reflexão sobre a sua transformação desde o século XVII até hoje. Na sua análise da casa burguesa, coloca em evidência a importância do espaço como um dispositivo, ou seja, pensado e produzido como um mecanismo particular de modo a criar um efeito respeitante às condutas e às práticas, de forma explícita ou implícita.

Na *longue durée* do século XIX até ao início da Segunda Grande Guerra, a casa individual burguesa vai ser o centro da acção de diferentes especialistas, que encontram no seio do privado um território indispensável de normalização dos espaços e moralização dos comportamentos, para a defesa de um ideal colectivo e público. Ideólogos, higienistas, políticos, médicos, juristas, etc., ao moldarem a casa e a vida privada que nela se desenrola, a vida familiar, redefinem a ideia de privado como interesse público, teorizando uma forma ideal de *habitação para todos* e abrindo assim os fundamentos para a definição de uma nova arquitectura.

Esta forma ideal de habitar, negociada entre *res publica* e *privada*, é a alavanca do desenho arquitectónico que durante o século XIX irá dirigir a sua atenção da casa individual à habitação colectiva, transformando o problema da habitação, pela primeira vez, no tema central da investigação arquitectónica do século XX. A resposta a esta acção disciplinadora do habitar vai apontar novos comportamentos domésticos e, com eles, de novo, mais normativas são estabelecidas para a conformação do desenho dos espaços, sendo o espaço visto como um dos principais reguladores das vivências dos seus habitantes. Assim, é neste longo e lento processo que o espaço passa a ser entendido como um objecto concreto, que importa disciplinar, regular e controlar, como meio para atingir uma ordem social adequada ao modelo familiar fixado, elo fundamental para uma sociedade ordenada e produtiva. O espaço

compartimentado da casa é, nesta perspectiva, um mecanismo de habitar, antes de ser *une machine à habiter*, que conglomerava diferentes partes sobre as quais é possível determinar valores, áreas e volumes, larguras e alturas que, entre mínimos e máximos encontrados na ciência da época, definem passagens, relações, sequências, hierarquias, perspectivas, ou seja, o seu projecto arquitectónico. A configuração destes atributos espaciais e a assertividade presumida da sua produção como valor sociocultural determinam o dispositivo espacial que, em cada momento, época, ou lugar, caracteriza o espaço doméstico da casa.

É através destes dispositivos – teorizados por Monique Eleb – e da sua adopção projectual, concreta, à casa burguesa que *A arquitectura do quotidiano* analisa o espaço doméstico e caracteriza a sua transformação no final do século XIX portuense. Num estudo pormenorizado e rigoroso, servido por uma escrita justa, os dispositivos espaciais adoptados pelos projectistas que ergueram estas casas, condutores de obras, engenheiros e arquitectos são expostos com uma calma cirúrgica, de quem sabe estar a dissecar e a expor um mecanismo complexo e pleno de interacções, a reter e a comunicar com a indispensável atenção às consequências da produção de outra narrativa arquitectónica da abertura do novo século e do Moderno.

A investigação conduzida sobre a casa é sustentada por uma organização capitular extensa, que não despreza o valor da descrição como acto fundamental na identificação, passo a passo, dos espaços, das diferentes estâncias domésticas e do projecto arquitectónico que os determina. O olhar para a casa, do exterior público ao interior privado e aos seus espaços de mediação (muros, mirantes, torreões e logradouros), é estruturado em duas partes fundamentais: “O espaço doméstico, a burguesia e o Porto” e “Entre o privado e o público”.

A primeira parte, ao situar na cidade do Porto o território onde se edifica a casa burguesa em estudo, está, não só a circunscrever o universo de trabalho, mas, fundamentalmente, a identificar um lugar que marca esta casa. Assim, estabelece algo de fundamental no estudo da casa; a articulação entre o geral, o que se repete nas casas de uma mesma época (num mesmo círculo cultural), e o particular, vincado pelo conhecimento do local e dos contextos convocados, determinantes para interpretação das inflexões próprias desta casa. Esta viagem entre geral e particular, trabalhada na narrativa de *A arquitectura do quotidiano*, coloca a casa portuense no contexto amplo da acção burguesa que, no Porto, ou em Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo – assim referido por Cesário Verde – edifica um projecto doméstico com valores comuns, determinados pela representação e diferenciação. Perceber esta dinâmica, na recusa de qualquer provincianismo, permite também que a casa, entendida como obra singular, não seja o centro da investigação. A casa

da burguesia contém o desejo de abandonar a ideia aristocrática do palacete singular, excepcional na forma e de autor reconhecido, para se fixar numa redução essencial da casa e, especialmente, da casa urbana, factor determinante para a introdução de outros modos de vida, com uma arquitectura disponível à sistematização do projecto e da construção, pela progressiva standardização do desenho e industrialização da construção e dos seus componentes. A casa burguesa tende para uma “produção corrente”. A percepção deste processo é conduzida com o cruzamento de diferentes materiais iconográficos e bibliográficos que, ao explorarem outros caminhos da história da casa, permitem confrontar o Porto numa relação homóloga com a Europa, a arquitectura e a burguesia do seu tempo.

A segunda parte de *A arquitectura do quotidiano* concentra-se na investigação do feixe temático essencial para a interpretação da casa: a tensão entre público e privado. A sua narrativa é disso resultado eloquente ao comprovar, mais do que descobrir, que a casa burguesa no Porto é também resultado deste binómio, chave maior dos processos de transformação da arquitectura na passagem para o século XX.

Esta investigação é o resultado de um trabalho moroso, conduzido pelo exame dos arquivos, confrontação de processos de obra e pela sua interpretação adequada, que pode parecer, aos menos avisados, somente repetição, afinal, do que já se sabia através da *Architecture de la vie privée* (Monique Eleb), da *História da vida privada* (Georges Duby) – obras tutelares deste trabalho – ou, ainda, do *Il progetto domestico* (Georges Teyssot). Contudo, não é assim. O valor intrínseco desta investigação e, sobretudo, a sua indispensabilidade no panorama do conhecimento deste tema em Portugal, determinam a sua originalidade e total pertinência, através de um trabalho nunca antes realizado para o Porto. Assim, se este trabalho confirma os processos de transformação da casa nesta época, traduzindo a cor da especificidade portuense, também participa na construção de um novo caminho para uma nova história, a dos projectistas e dos seus clientes burgueses que edificaram e habitaram a Cidade, na abertura do século XX.

Nota para o editor: a paginação de *A arquitectura do quotidiano*, no mínimo, trata-se de um equívoco. A ausência do reconhecimento da importância do desenho e da imagem nesta obra traduz-se em reproduções minúsculas, por vezes cortadas, de elementos desenhados, e na falta de uma hierarquia valorizadora das imagens fundamentais. Estes elementos gráficos, que não podem ser entendidos como mera ilustração, têm importância equivalente ao texto. Obras como as referidas anteriormente podem ser exemplo de como o desenho é documento, importante como nova fonte para posteriores investigações. |

RUI JORGE GARCIA RAMOS, ARQUITECTO, FA/UP

Monique Eleb is one of the exponents of the study of habitation who has played a major role in the important reflection on its transformation from the 17th century down to today. In her analysis of the bourgeois house she reveals the importance of the space as a mechanism. In other words, it is thought of and produced as a specific mechanism with a view to creating an effect with respect to behaviours and practices, be it in an explicit or implicit form.

In the *longue durée* from the 19th century up to the beginning of World War II, the individual bourgeois house was the focus of activity by different specialists who found in the private sphere privileged territory for normalisation of the space and moralisation of behaviours in the defence of a collective and public ideal. By shaping the house and the private life that unfolds within it, i.e. the family life, ideologists, hygienists, politicians, physicians and legal experts and others redefined the idea of the private as a public interest, theorising an ideal form of habitation for all and thus laying the foundations for the definition of a new architecture.

This ideal form of habitation, negotiated between the public and private spheres, became the leverage of architectural design which, during the 19th century, was to turn its attention away from the single-family home to collective housing, making, for the first time, the issue of housing the central theme of architectural investigation in the 20th century. The response to this housing-related action within the discipline was to indicate new domestic behaviours. With these, more regulations were again established with a view to conforming the design of the spaces, whereby the space was seen as one of the main regulatory forces on the lives of the residents. Thus, it was through this long and slow process that the space came to be seen as a concrete object to be disciplined, regulated and controlled, as a means for achieving a social order adapted to the fixed family model, a fundamental link in an ordered and productive society. In this perspective, the compartmentalised space of the house became a mechanism for living, before it was a *machine à habiter*, that conglomerated different parts for which it was possible to determine values, areas and volumes, widths and heights, which, between the minimums and maximums found in the science of the period, defined passages, connections, sequences, hierarchies, perspectives – in other words, the architectural design project. The configuration of these spatial attributes and the presumed assertiveness of their production as a socio-cultural value determined the spatial mechanism which – in each moment, period or place – characterised the domestic space of the house.

It is via these mechanisms – theorised by Monique Eleb – and their design-based and concrete adaptation to the bourgeois house that *A arquitetura do quotidiano* [Everyday architecture] studies the domestic space and characterises its transformation in the late 19th century in Porto. In a detailed and rigorous study, which is aided by a precise writing style, the spatial mechanisms adopted by the designers, works engineers, engineers and architects who built these houses are exposed with the surgical calm of someone who knows how to dissect and expose a complex mechanism full of interactions and to highlight and communicate, while paying the necessary attention to the consequences of the production of another architectural narrative of the opening of the new century and the Modern.

The investigation into the house is sustained by an extensive organisation of the book into chapters that does not disdain the value of the description as a fundamental act in identifying, step by step, the spaces, different domestic spheres and the architectural design that determines them. The look at the house, from the public exterior to the private interior, and its mediation spaces (walls, viewpoints, towers and courtyards) is structured into two fundamental parts: “O espaço doméstico, a burguesia e o Porto” [“The domestic space, the bourgeoisie and Porto”] and “Entre o privado e o público” [“Between the private and the public”].

By locating the terrain in which the bourgeois house in the study was built in the city of Porto, the first part not only circumscribes the investigation work’s universe but is also fundamentally identifying a place that marks that house. Thus, it establishes something that is fundamental in the study of the house: the articulation between the general, that which is repeated in the house of one and the same epoch (in the same cultural sphere), and the particular, which is bound by knowledge of the location and the convened contexts that determine the interpretation of the inflections of this house. This journey between the general and the particular, worked in the narrative of *A arquitetura do quotidiano*, places the Porto house in the wider context of bourgeois activity which, in Porto or in Madrid, Paris, Berlin or St. Petersburg – as referenced by Cesário Verde – builds a domestic project with shared values determined by representation and differentiation. Understanding this dynamic while refusing any form of provincialism also allows that the house, understood as a singular work, is not the centre of the investigation. The bourgeois house also contained the desire to abandon the aristocratic ideas of the singular palatial residence, exceptional in its form and by a renowned designer, to concentrate on an essential reduction of the house, in particular the urban house. This was a decisive factor in the introduction of new lifestyles, with architecture being prepared for the systematisation of the project and the construction thanks to the progressive standardisation of design and the industrialisation of construction and its components. The bourgeois house opened the way to “everyday production”. The perception of this process is shown with the crossing of different iconographic and bibliographic materials which, in exploring other paths in the history of the house, make it possible to draw comparisons between Porto and the Europe, architecture and bourgeoisie of the period.

The second part of *A arquitetura do quotidiano* focuses on the investigation into the theme that is essential for interpretation of the house: the tension between the public and the private. Its narrative is an eloquent result of that, documenting – more than just uncovering – that the bourgeois house in Porto is also the outcome of that tension, which was a key factor in the transformation processes in architecture entering the 20th century.

This book is the result of slow and lengthy investigation work, including the examination of archives, comparison of work processes and their appropriate interpretation. To the less initiated, it may appear to be mere repetition of what has already been made known by *Architecture de la vie privée* (Monique Eleb), da *Histoire de la vie privée* (Georges DUBY) – which are indeed works that guided this project – or *Il progetto domestico* (Georges Teyssot). However, that is not the case. The intrinsic value of this investigation and, above all, its indispensability in the context of the knowledge on this subject in Portugal, make it both original and highly pertinent, as it is work that has never before been carried out for the city of Porto. Thus, while this book confirms the processes of transformation of the house in this period, reflecting the specific colour of the city Porto, it also helps to lay a new path to a new story, that of the designers and their bourgeois clients who built and lived in the city at the beginning of the 20th century.

Note to the publisher: the pagination of *A arquitetura do quotidiano* is, at best, a mistake. The failure to acknowledge the importance of the drawing and the image in this work is reflected in tiny reproductions, sometimes incomplete, of drawings and the lack of a hierarchy for the fundamental images. These graphic elements, which are not mere illustrations, are as important as the text itself. Works such as those referred to in the review above serve as examples of how the drawing is a document that is important as a new source for subsequent investigations. |

RUI JORGE GARCIA RAMOS, ARCHITECT, FA/UP

O MODERNO REVISITADO: HABITAÇÃO MULTIFAMILIAR EM LISBOA NOS ANOS DE 1950

RICARDO COSTA AGAREZ

LISBOA : CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, 2009
323 p. (Lisboa: Arquitectura e Urbanismo; 5)
ISBN 978-972-8543-13-6



O Moderno revisitado: habitação multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950, publicado pela Direcção Municipal da Cultura/Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa (CML) na colecção “Lisboa: arquitectura e urbanismo”, é uma edição adaptada da dissertação de Mestrado em História de Arte (FCSH-UNL) de Ricardo Costa Agarez – *Arquitectura de habitação multifamiliar. Lisboa anos 1950*.

O autor pretendeu estudar os prédios de arquitectura corrente projectados na década de 1950 e destinados a habitação multifamiliar, “especificamente os edifícios de pequena ou média dimensão que ocuparam, no âmbito de uma actividade quotidiana eminentemente económica – a construção para rendimento –, parcelas pré-existent e limitadas do tecido urbano estabilizado da cidade” (p. 12).

No essencial, o livro trata de ajudar a compreender o processo de substituição de construções obsoletas nos bairros mais antigos, ou de completamento de parcelas limitadas nos bairros mais recentes, com edificações que, pelo menos no que respeita às fachadas, seguem o léxico arquitectónico moderno mais ou menos informado pelo Estilo Internacional que se globalizou após a II Grande Guerra. Um dos principais objectivos deste trabalho é, justamente, o de tentar compreender em que medida é que a essa imagem exterior de modernidade correspondem fogos de concepção igualmente moderna. É também significativa a vontade de perceber qual o peso da formação de base dos projectistas (em arquitectura ou engenharia civil) na qualidade dos resultados obtidos, tentando aferir-se o papel dos autores na aproximação ao modelo “máquina de habitar” e na respectiva implantação em Lisboa em confronto com os constrangimentos legais e com a margem de lucro desejada pelo promotor, avaliando-se a importância da acção da CML, através dos técnicos camarários, na abertura do caminho para a Arquitectura Moderna.